

A IMPRENSA – *Revista científica, literária e artística*, com periodicidade quinzenal e direcção literária de Afonso Vargas (António Maria Afonso Vargas), escritor e jornalista que iniciou a sua vida profissional como tipógrafo na Imprensa Nacional.

O nº 1 é de Outubro de 1885, tendo sido publicado em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1886. O artigo introdutório, sob o título “A QUE VIMOS”, é um longo editorial descritivo do programa e objectivos da revista. Refere a imprensa como «A idéa-força que domina a civilização contemporânea» e «Poder impessoal e incoercível, sem exercitos que o imponham, sem dogmas que o consagrem» que «conseguiu transformar a face das cousas, crear uma alma nova no organismo do mundo (...) e abrir finalmente á consciencia humana horisontes infinitos e ignorados» (...).

Além do incitamento a uma leitura livre, não dogmática, apontando a imprensa como «tornando emfim possível essa indefinida aspiração do homem para o progresso» (...) e que «sagrou, como únicas potestades legítimas e inatacáveis, a liberdade e a sciencia», há uma explícita referência à censura então reinante sobre a imprensa portuguesa, à qual a revista claramente não se resigna: (...) «a imprensa alem de sacrário é escudo, além de reducto é arma» (...) declara o editorial. Contém ainda um recado directo ao poder: ‘podessem os que a nação encarrega de formular as suas leis vir algum dia buscar às modestas paginas d’esta revista, não a summula dos seus argumentos, mas factos que os comprovassem e elementos de qualquer ordem que porventura os robustecessem’». Tuteando o leitor, acompanha a linguagem colectivista da época, desejando «a todos os nossos collegas da Imprensa, saúde».

De cariz notavelmente avançado, a revista é publicada até 1891, sendo o seu conteúdo muito variado, desde a poesia ao conto, à crítica literária, tradução e publicação de autores nacionais e estrangeiros, abordagem de questões sociais (nomeadamente as laborais), históricas, filosóficas, científicas e de cobertura de assuntos de actualidade relativos a arte, cultura e ciência.

Tratando-se de uma revista de opinião, o seu pendor socialista (o director literário tem o cuidado de frisar a opção pelo «socialismo conservador») é revelado não só pelo elenco de autores escolhidos como sobretudo pelo conteúdo dos editoriais de Afonso Vargas, nomeadamente após a interrupção da publicação (entre Setembro de 1886 – nº 24 – e Fevereiro de 1887 – nº 25) explicada aos leitores por «factos imprevistos» entretanto ocorridos (v. nº 25, pág. 8, in fine).

De notar que A. Vargas aborda a literatura político-económica da época sob o título de “Questões Sociais” pondo por vezes mais o acento na vida pessoal dos autores comentados do que propriamente na análise das obras que comenta (v. por ex., o comentário a Karl Marx – nº 26, de Fevereiro de 1887) ou a Lassalle (nº 27, de Março de 1887). Chega a dar a impressão de que o jornalista não leu na origem as obras dos autores que comenta (o que não admira, dado a literatura socialista da época chegar muito tardiamente a Portugal, ou ter acesso a um número muito reduzido de pessoas que a

obtinham através de amigos que viviam fora ou visitavam o estrangeiro). Isso não impede a preocupação de longas análises teóricas acerca de questões sobre trabalho, salário, distribuição de rendimentos, aumento da população mundial (este equacionado sob um ponto de vista nitidamente maltusiano).

Quer o 1º quer os 2º volumes contêm um índice de gravuras e um índice de autores (este último não exaustivo, embora bastante completo). De tomar em atenção que nem todos (senão a maioria) dos autores citados foram “colaboradores” da revista. Com efeito, à época não estavam regulados juridicamente os direitos de autor, sendo que qualquer peça escrita ou gravada podia ser “apropriada” e reproduzida quando considerada em domínio público (isto é, já publicada). Entretanto, o índice de “autores” é vasto, ultrapassando a centena.

Além do próprio Afonso Vargas, que se revela como o grande impulsionador da publicação, destacam-se nomes como Lamartine (biografia de João Gutenberg, tradução de J. António Dias), Silva Pereira – A. Xavier da Silva (v. artigo que fecha o último número da revista, intitulado “Os primeiros jornais que se apregoaram pelas ruas), Albertina Paraíso, célebre poetisa e ensaísta, com forte participação no movimento feminista do seu tempo Brito Aranha, Viator, Lydio, Javdac (os últimos três possíveis pseudónimos). A lista de autores publicados vai desde Eça de Queirós (v. “A Irlanda e a Liga Agrária” e “Lord Beaconsfield”), Emílio Zola (v. “Lenda de Amor”), Ramalho Ortigão (“Carta a Pio IX), “Venalidade” (Padre António Vieira), entre muitos outros.

É também extenso o número de poetas cujos trabalhos foram publicados pela revista.

Além dos atrás aludidos, ressaltam como assuntos de maior acuidade na atenção da revista: o ambiente, o progresso científico e o progresso tecnológico. Naturalmente, uma atenção especial é dada à evolução da imprensa e às várias descobertas que foram contribuindo para o seu aperfeiçoamento.

Bibliografia: SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar - *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2000; LISBOA, Eugénio (Coord.) - *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Mem-Martins, Publicações Europa América, 1985; Tengarrinha, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2.ª Edição, Lisboa, Caminho, 1989; SOUSA, José Manuel Motta de, e VELOSO, Lúcia Maria Mariano - *História da Imprensa Periódica Portuguesa, Subsídios para uma Bibliografia*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1987.

Helena Bruto da Costa
(11.01.06)